

Pais protestam no Bennett

Paralisado desde terça-feira pela greve dos funcionários administrativos, o Colégio Bennett foi ontem palco do protesto de pais, alunos e funcionários, que formaram na instituição três grupinhos distintos. Inconformados com o recesso, os pais acusaram de "omissa" a direção, que, segundo eles, nada fez para evitar que anteontem os alunos fossem barrados na porta pelos grevistas. O fato caracterizou, para eles, a "conivência" dos diretores com os funcionários em greve.

Marcada para as 8h, a assembléia dos funcionários só começou às 12h e até a tarde a categoria não havia decidido sobre a proposta de reajuste feita pela direção, de 65,5% sobre os salários de dezembro. O Bennett ofereceu ainda a criação de três pisos salariais aos serventes e auxiliares de serviços gerais, de CZ\$ 2 mil 330; aos funcionários da secretaria, tesouraria e departamento pessoal, CZ\$ 5 mil 330, e aos demais funcionários, CZ\$ 3 mil 480.

Uma assembléia-geral está marcada para as 18h de hoje, na Uerj, quando a classe avaliará o movimento. Na Zona Sul, a ausência dos funcionários em greve foi sentida por algumas escolas, a exemplo do Colégio Andrews, que, embora funcionando, enfrentou grupos de piquetes na porta. Os grevistas prometeram barrar hoje a entrada de alunos e funcionários.

O Colégio Santo Inácio, na Rua São Clemente, em Botafogo, funcionou normalmente, apesar de presença de piqueteiros na porta. Nessa escola os funcionários administrativos não

aderiram o movimento, apesar do assessor do reitor, Vicente Paim, afirmar desconhecer se eles trabalhavam ou não. Segundo Paim, os salários do colégio são "bons" (piso de CZ\$ 3 mil).

Em Bonsucesso, a Escola Luso Carioca permaneceu fechada, surpreendendo alunos e professores. Sem querer identificar-se, o funcionário da portaria afirmou que o colégio talvez volte a funcionar na próxima segunda-feira e insistiu em dizer que "nada mais sabia".

No Colégio Bennett, pela manhã a situação ficou tensa com a irritação dos pais de alunos que exigiram da diretora de Educação, responsável pelo 1º Grau, Itamar Moreira, uma explicação pela suspensão das aulas e a não comunicação prévia da escola, que já sabia da reivindicação dos funcionários. A diretora alegou um limite na sua competência e aconselhou os pais a conversarem com o diretor-geral do estabelecimento, Osias Barreto.

Maria de Fátima Ferreira, com dois filhos matriculados no colégio, afirmou que soube da paralisação há dois dias, através de outros pais, e se queixou da "falta de respeito" da instituição em não avisá-los sobre a então provável greve. Segundo ela, os professores pretendem incluir no calendário de reposição os dias parados pela greve dos funcionários administrativos, alegando não terem responsabilidade sobre o movimento da categoria. A direção reuniu-se seguidamente com pais, alunos e funcionários e ficou decidido que a volta às aulas depende do resultado da assembléia.